

# **FLORES DO FRIO**

**Cláudio Basto**

**Edição de**

Iolanda Peleja

Joana Mendes

Sara Fonseca

Susana Correia

**Coordenação de Ângela Correia**



**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

Lisboa

2017

1

## ÍNDICE

Nota editorial  
Abertura  
Manhã de Novembro  
A filha do Sol  
Primavera! Primavera!  
Un recuerdo gallego  
O meu fantasma  
Maria Julieta  
Enigma  
A outra  
Aires de Galicia  
Porque te não falo?!  
Margens do rio Douro  
Medição de amor  
João da Rocha  
Nota

## Nota editorial

Cláudio Filipe de Oliveira Basto nasceu a 13 de agosto de 1886, em Viana do Castelo. Foi etnógrafo e filólogo, atividade de que resultou um primeiro trabalho — «Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo» —, publicado na *Revista Lusitana*, — entre 1910 e 1914. Considera-se que Cláudio Basto estudou frequentemente assuntos que não tinham ainda despertado o interesse dos filólogos.

«A linguagem dos gestos em Portugal», da sua autoria, foi também publicado na *Revista Lusitana*, — em 1938. Colaborou pontualmente com Carolina Michaëlis de Vasconcelos e com José Leite de Vasconcelos.

Concluiu o curso de Medicina e Cirurgia no Porto, em 1911, e exerceu a função de médico escolar durante vários anos, além de ter publicado diversos trabalhos relacionados com a medicina. Foi também docente no liceu de Viana do Castelo — e noutras escolas. Faleceu a 2 de fevereiro de 1945, em Carcavelos.

Decidimos reeditar este livro pelos méritos artísticos de um autor pouco reconhecido. Na verdade, a crítica publicada a 17 de fevereiro de

1923, na revista *Ilustração Portuguesa*, permanece justa:

«Homem de sciencia e homem de letras, erudito e artista, desfrutando uma reputação merecidíssima, embora o seu nome não seja popular, o sr. Claudio Basto, no seu novo e belo volume intitulado *Flôres do frio*, confirma as suas notáveis qualidades de estilista, que tem, simultaneamente, o culto da elegância da forma e da requintada pureza da linguagem. Claudio Basto é, neste interessante e delicado livro, um poeta que escreve em prosa, com um esmero, uma finura de recorte, um equilibrio, uma harmonia que o tornam inconfundível; um poeta ao mesmo tempo sentimental, ironico, realista, madrigalesco, elegíaco, tão brilhante quando esboça e ergue um perfil feminino ou desenha uma paisagem, como fino psicologo quando desvenda e analisa uma alma. Cada capitulo saboreia-se como um raro acepipe e hesitamos em dizer qual nos agrada mais porque todos eles encerram encantos novos e diversos. *Flôres do frio* constitui uma joia literaria e tambem um primor editorial que honra a tipografia de Viana do Castelo, de onde saiu. O capitulo final é uma sentida homenagem ao excelso espirito de João da Rocha. A obra de Claudio Basto pertence ao restrito numero das que podem recomendar-se sem sombra de favor.»

Este exemplo precoce de um poeta a escrever em prosa despertou também a nossa atenção e pareceu-nos merecedor de mais atenção.

*Flores do Frio*, de Cláudio Basto, foi publicado em 1922, pela Lusa, em Viana do Castelo, com uma capa desenhada por Manuel Couto Viana. Consta no livro-fonte que foi impresso na Oficina de Tipografia e Encadernação de José de Sousa, em Viana do Castelo.

O exemplar que utilizámos encontra-se na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Na primeira página, encontra-se escrito a caneta, pela mão do próprio Cláudio Basto, uma dedicatória dirigida ao Dr. Fidelino de Figueiredo:

«Ao distinto Escritor Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo,

Of.<sup>ce</sup> com m.<sup>ta</sup> admiração.

Cláudio Basto

Viana-do-Castelo

6 Jan. 1923»

Confirmando o destino que o autor deu a este exemplar, foi aplicado um carimbo da biblioteca Fidelino de Figueiredo logo abaixo da dedicatória. Outro, da mesma biblioteca mas diferente, encontra-se no verso da folha seguinte. Por baixo deste,

um carimbo da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa atesta o destino atual.

Conforme as normas de transcrição, conservá-mos relativamente ao livro-fonte:

- todas as características ortográficas, incluindo gralhas;
- o tipo de marcação de parágrafo;
- o tipo de aspas;
- o itálico em todas as palavras que assim foram impressas no livro-fonte;
- todos os acentos, tal como se encontram no livro-fonte;

Não conservámos:

- a mudança de páginas;
- a numeração das páginas;
- o espaço entre os sinais de pontuação e a palavra anterior;
- as páginas em branco e as páginas de guarda;
- os sinais gráficos (asteriscos) usados para separar, que foram substituídos por espaços em branco;
- os títulos correntes;

— a foto que se encontra no capítulo referente a João da Rocha.

Acrescentámos:

— índice inicial com hiperligações para todas as partes do livro;

— mudança de página em cada mudança de capítulo.

## **Bibliografia**

«Cláudio Basto», em [Camões - Instituto de Cooperação e da Língua](#) (visitado a 5-10-2016)

Por caminho tam árduo, longo, & vário

Camões, Lusíadas, VII, 78



# *ABERTURA*

*FLORES do frio! flores de inverno!*  
*Tenho-as aqui, cheias de frescor,*  
*numa jarra finíssima de cristal*

*Na água, fundida com a jarra em um bloco de  
limpidez, mergulham nitidamente os pedúnculos,  
sem que a refração os deforme, — e as corolas,  
por entre a folhagem verde-escura, erguem-se  
alacres, divergentes, como se da bôca do vaso  
subissem numa girândola.*

*São camélias brancas e junquinhos de ouro.*

*Camélias brancas, de uma brancura scintilante,  
parecendo que no tecido das suas pétalas  
se entranhou uma poeirada subtil de prata nova...  
— As camélias são grosseiras: de folhagem dura,  
inflexa; de pés sem delicadeza, acotovelados, ca-  
losos; há-as de côres insuportáveis. — Estas ca-  
mélias, porém, que tenho aqui, de uma alvura an-  
gélica, de um veludo que a vista palpa deleitada,  
aberturas num riso franco onde há lucilações do  
esmalte de femininos dentes, são magníficas nos  
seus altos pés excepcionalmente perfeitos.*

*E, roçando pelas camélias brancas, sobem, garbosas, as hastes caneladas dos junquinhos: sobem, e depois, arqueando-se numa elegância em que há o airoso curvar da cabeça dum cisne, deixam pender as campânulas de oiro, cujas pétalas parece haverem-se unido para, concentradas, melhor aspirarem a divina pureza das rosas do Japão...*

*Quedo a olhar êste ramo pinturesco de camélias brancas e junquinhos de oiro...*

*Vejo os pedúnculos erguerem-se em curvas orgulhosas, tímidos de vigor, e, ultrapassada com rompante a bôca da jarra, abrirem-se, por cima das fôlhas hirtas, em flores risonhas e fátuas, por cujas nervuras melindrosas corre a seiva mágica que lhes dá a forma bela, a côr, a veludeza e a vaidade.*

*E, afinal, estas flores de inverno estão vivendo um sonho. Apartadas do húmus renovador, já as envolve a imminência da morte: não tarda que se dobrem, se encarquilhem, apodreçam. A curva airoso, altiva, prometedora dos pedúnculos subindo*

*num arrogante impulso de girândola — é um triste engano... E triste engano é o viço fátuo destas flores encantadoras...*

*Olhando estas coisas que a minha alma gerou e a minha caneta pretendeu reproduzir, eu não posso deixar de scismar nas pobres flores de inverno que tenho aqui!*

*Sorveram, estas coisas que se vão ler, na minha alma alentos que a fantasia amplificou e enfebreceu; brotaram elas num arranco vigoroso, numa promessa cantante expandindo-se vitoriosamente em forma escrita...*

*— Pedúnculos arrojados, flores vaidosas...—*

*E, alfim, separadas da alma que lhes deu vida, que as ennervou e coloriu, viveram um breve sonho de arte, enganoso, — e murcharam. Foram faúlas de alma que da alma fuzilaram em arremessões altivos, luminosas e ardentes, — para logo caírem apagadas, desfazendo-se no ar...*

*— Pedúnculos mirrados, flores em pó...—*

*Reparando nestas páginas agora, muito depois de escritas, eu só encontro as cinzas, vagas e frias, daquelas coisas que a minha alma criou e a minha pênna, numa ilusão traiçoeira, tentou reproduzir...*

Viana-do-Castelo,

---

14 de Fevereiro de 1918

CLÁUDIO BASTO.

**MANHÃ DE  
NOVEMBRO**

**P**ARECE outro, o gabinete querido onde me recolho com prazer sempre que posso. Ornou-o carinhosamente a minha arte, guiada e inspirada pelo meu amor por ti.

A mesa onde escrevo é agora um mimo. Numa aparência de ingénuo desleixo, ali se encontra tudo em gentil combinação. E, caídas num molho a emmurchecer, rosas de outono, grandes e pálidas, exibem a sua palidez macia, dengosamente, sôbre o negro luzidio da mesa.

São uma nota suave e fina estas rosas de outono desterradas entre livros e papéis, — estas flores idosas côm de marfim antigo, requintando cada vez mais a sua distinção, a sua galantaria conforme vão murchando, como se fôsem mulheres garridas a envelhecer...

Pus outra mão-cheia delas em uma estante baixa, de forma inglesa, como esquecidas, deliciosamente abandonadas no meio de gráceis bugi-gangas.

E num solitário esbelto, mais rosas ainda, muito brancas estas, vaidosas nos seus longos pés delgados, — como jactos finos que dele saíssem para logo espumejarem em corolas a sorrir...

Parece outro, não há dúvida, o meu gabinete!

Por diante dos livros dispostos em assimetria calculada, a seda rubra das cortinas cai em fartas pregas, a tôda a altura das esguias estantes, imponentemente, num franzido cuja desigualdade a minha inspiração compôs ora à direita, ora à esquerda.

A *chaise-longue*, as cadeiras, as poltronas, as colunetas... todos êstes companheiros fiéis que mudamente me rodeiam e comigo vivem, estão nos postos que a estratégia da arte marcou, num desalinho genialmente habilidoso que me satisfaz e me seduz.

Como êste meu gabinete vai agradar-te, Else! Como vou ser venturoso sentindo quanto admirarás, através do engenho dêste refúgio de enlêvo, a alma branda que o adornou!

A minha alegria parece contagiar tudo isto. Tudo isto que me cerca parece, na verdade, haver-se integrado na minha existência vária como complemento inseparável do meu ser. Tudo isto re-çuma contentamento, porque estou eu contente. Tudo isto se me afigura que sabe, como eu, que tu vens aí, que não tardas, que pela primeira vez en-



trarás aqui, harmoniosa e amante, qual fada ce-  
leste de arroubador influxo, a embelezar-me a  
vida, — e tudo isto pulsa de felicidade comigo,  
numa simpatia enternecedora!

Até esta manhã de outono é formosa como ne-  
nhuma! O sol baixo, trespassando o folheto en-  
ferrujado dos plátanos, emmornece e aclara doce-  
mente a minha casa. O alento da atmosfera lím-  
pida, lavada há pouco das chuvas, entra pelas ja-  
nelas escancaradas, em ondas puras e tépidas,  
como a bafagem de uma linda bôca sadia de mu-  
lher.

Tudo está alegre, — tudo te espera,  
Else!...

Ah, chegas enfim!

A tua cabeça, — que uma golfada de sol,  
abrindo caminho por entre as rareadas fôlhas de  
um plátano, veio saudar triunfalmente, — apare-  
ceu à entrada, de súbito, saída de uma voluta do  
reposteiro carmesim que repuxavas por sob o  
mento.

Travêssa, radiante, cantarolaste:

Si può, si può...

Assim, sob a explosão de luz que faülhava no vermelho do pano e te purpureava a formosura do rosto florescido em riso, parecia que eras a própria aurora que entrava, numa poalha de auri-purpúreo arrebol...

Entraste e, curiosa, antes de mais nada, tudo miraste, num vivo relancear de olhos.

A minha alma perseguiu ansiada êsse curioso olhar por sôbre a mesa, as paredes, as estantes, os móveis, as flores...

— *Os homens! oh, os homens!* — disseste a rir, cristalinameute, saíndo-te as palavras dos lábios brilhantes, como indizivéis notas musicais, que reboaram comoventes no mais fundo da minha alma.

— *Os homens! oh, os homens!* — e fôste às cadeiras e alinhaste-as junto a uma parede como soldados em sentido; a *chaise-longue* colaste-a a outra parede, com todo o cuidado, não fôsse deixar de lhe ser bem paralela, ou o tapete de Esmirna

ficar com a menor ruga ou um quási-nada de esguelha; na mesa, na estantezinha britânica, por toda a parte, os objectos, em uma rápida manobra, tomaram posições da mais feroz simetria; os livros perfilaram-se, hirtos, unidos, e desapareceram por trás das cortinas rigorosamente corridas...

— *Os homens! oh, os homens!* — ias dizendo, com ar de riso, muito desembaraçada, com a suprema satisfação de uma dona-de-casa a ordenar, a arrumar...

E rindo mais, muito mais de eu ser um descuidado, deitaste a mão pequenina às belas rosas outoniças, grandes e pálidas, e, acordando-as do seu tranqüilo sono de garrido envelhecimento, atiraste-as à rua...

Viana-do-Castelo

---

Novembro de 1914.

**A FILHA  
DO SOL**

.....SENTEI-ME na borda alta da taça de mármore, onde a água soturnamente dormia, — e esperei que me dissesse, enfim, o seu mistério aquela mulher complicada...

— A noite era calma e escura. Na água morta e negra da taça luziam, vigilantes, os reflexos das estrêlas. —

Ela começou a falar, vibrantemente, e eu escutei em silêncio.

— «Donde vim? Quem sou?

Quantas vezes me interrogo a mim mesma, achando-me estranha, e só, nêste mundo?! Que mistério é a minha existência, Deus do Céu! Rólo na vida, como levada na dominadora asa de não sei que ideal rajada!... Para que vivo? Quem sou? Donde vim?

Eu sinto, para trás da minha existência incompreensível, um vácuo frio, de treva. Parece-me que tombei, um dia, dos espaços intersiderais — e que vim, como um sonho, em uma vertigem doida, por entre os astros a rodopiarem silenciosos o seu rodopio eterno, deixando atrás de mim uma escuridão álgida, a apagar o meu rastro!

Oh, sim! Há qualquer coisa, há muito de singular, de complexo, de irreal, a escandecer a minha alma! E êste fogo, que me consome e referve turbilhonante dentro em mim, afigura-se-me que foi o Sol que mo pegou, quando por junto dos seus raios passei. Foi êle decerto que me insuflou a vida num beijo ardente. E' o fogo do Sol, é a lava do Sol que eu trago em mim. O Sol é o meu pai: o Sol, fonte de tôda a vida, Deus máximo das energias eternas, Deus dos deuses, é que é o meu pai! Êrgo os meus olhos triunfais para o Sol, e vejo no rosto dêle, diademado de omnipotência, o seu sorrir de lume, o seu sorrir paterno. E, pelos meus olhos que se fixam audazes, sem deslumbramento, na face rebrilhante do Sol, eu sinto penetrar em mim o seu fulgor candente, que me corre as artérias e os nervos um a um. E' o Sol que me beija com os seus beijos de fornalha — O Sol! êle é ao certo o meu pai, a minha alma é feita do seu fogo!

E o seu fogo é amor em mim. Como a flor se dinamiza em aroma e côr e veludeza, e a mão se poetiza em gesto e o corpo em atitude e a garganta em canção... — assim o fogo da minha alma se

revela, espiritualizado, em amor. E eu amo as idealidades, eu amo as volatilizações, — amo a graça, o ardor, a carícia, a pressão, o beijo, aéreos, flúidos, voláteis, em si, abstractamente, livres dos corpos, das materialidades.

Não são os olhos que me seduzem, são os olhares, o magnetismo expressivo dos olhares. Não sinto lábios, sinto a ardência suspirada dos beijos. Abstraio dos braços, das mãos, dos corpos, que me comprimem, para só me deliciar no vigor dos abraços, na leveza e no veludo das carícias, na pressão tumultuária do peito amante.

Eu quero exteriorizações ideais de affectos, de paixões, de loucuras de amor. Que me importam os homens? Só quero dêles os desejos, os sonhos, os carinhos, que se evaporam dos seus lábios, dos seus olhos, dos seus gestos, não me interessando a quem pertençam, porque nada me interessa a fealdade ou gentileza dos corpos. Almejo um incêndio de prazer, quero calcinar-me em volúpia, quero vibrar, enrolar-me, retesar-me, convulsar-me, estorcer-me, como um vime zimbrado por um ciclone, — ciclone de ânsia, de gôzo, de epilepsias lúbricas; quero afogar-me voluptuariamente

num furioso mar de sensações, vibratilidades, arfares, suspiros, deliquios, que se evolem, estontes antes, dos homens, — mas sem os ver, sem pensar em nenhum, como se me afogasse na côr e na veludeza e no perfume, insulados da flor... Eu separo da carne a forma, a tepidez, o movimento, o contacto, o espasmo — e só essa imaterialização eu amo»...

Calou-se, — e eu continuei no meu silêncio...

E ela, a Filha do Sol, estranha Pasífaa, como para dar escape à tormenta nervosa que se reprimia dentro de si, e que o silêncio e a quietude mais flageladora tornavam, feriu com as mãos, freneticamente, o espelho negro da água adormecida... Entre os seus dedos, a água estremunhada chorou pérolas; — e por tôda a taça de mármore, num gemente sobressalto, a água ondulou...

E os reflexos das estrêlas, inquietados, eram gotas de luz, caídas umas após outas para o fundo, como rosários de lágrimas de oiro a desfiarse.....

Lisboa,

---

Abril de 1916.



**PRIMAVERA!**  
**PRIMAVERA!**

**E**MBRIAGADO de luz, de côm, de harmonia, de sol, — refugio-me na calma dêste gabinete pequenino, para repousar meus nervos pletóricos de sensações... Uma claridade amarela, coada pelo transparente, adoça e doira o ar sossegado dêste recanto solitário, aonde venho em busca da paz que minha alma, enfebreçada por êste dia exuberante de Primavera, almeja com ânsia singular...

Inda trago em meus olhos visões da vida que se corporiza lá fora, ao bafo lustral e fecundante do sol, em vegetações túmidas, em ramos viçosos que se abraçam, em macias flolescências que se namoram... Trago em meus ouvidos, pertinaz e vívido, o chilrear dos beijos que a passarada troca, o longo cicio das ramagens, o murmúrio gorgearante da água que escorre de pedra em pedra... Trago em meu espírito ainda o acordar tumultuoso da natureza, o latejar do coração da terra, as melodias, os rumores que flutuam no ar quente como suspiros de alívio, preces de gratidão, ais de felicidade, e que se diluem e se harmonizam por sôbre

a montanha ardente, por sôbre as florações a sorrir, por sôbre o verdor das árvores que esbracejam doidas de alegria...

O sol inunda o vale, cachoa pelos montes, insinua-se candente e poderoso pela terra dentro, a sacudir as seivas que o inverno adormecera, e golfa-as nos caules que, turgescendo como seios de noivas, gulosamente as sugam até às fôlhas...

E eu percebo, eu vejo até que as plantas entumescem revigoradas pela seiva que nelas repuxa, — banhando-se em sol, penetrando-se de sol, sob um dilúvio de sol arterializante: — ressurreição formidável de pólenes, de umores, de linfas, de essências...

A febre faz-me reviver, nêste plácido retiro onde agora me refugio, as sensações que tive lá em cima, na montanha, entre êsse espertar delirante e vitorioso da primavera num turbilhão de energias inexauríveis, — olhando em baixo a veiga encostada ao fulgente espumejar das ondas, a cidade faülante roçagada pelo rio manso e luminoso, os montes nítidos salpicados de casinhas

brancas... e tudo alagado em luz, tudo explodindo em vida, pairando por sôbre tudo não sei que murmurinho volátil, talvez desejos, soluços, confidências, promessas das plantas que se estorcem de volúpia, suspirando perfumes, lagrimejando flores, difundindo, em agitados sonhos de amor, os eflúvios das suas almas sensuais, vibrantes, ansiosas de paixão e de fecúndia.

Vejo-me ainda lá em cima, caminhando a mêdo, cautelosamente, para nem sequer magoar com os meus pés as corolas simples e alegres que esmaltam aquêlo recanto úbere da montanha, onde os pinheiros esguios, perfilados, se enfloram de penachos louros, onde os giestais se mancham vivamente de amarelo fulvo, onde as acárias gotejam oiro, onde as flores — néctares plasmados, essências cristalizadas — irrompem docemente através da aspereza dos carrascos, dos tojos, das ervagens bravas...: aquêlo recanto saudoso da montanha onde, à sombra opaca de uma sebe de mimosas ainda tenras, eu já estive contigo, — esquecidos os dois naquela rocha morena — lembra-te? — que os musgos aveludados estofam com os seus hieroglíficos desenhos...

O torvelinho vivo que lá fora vai — desvairo de côr, musical sussurro — persegue-me aqui, nêste serêno remanso aonde venho em busca de paz...

Atiro-me, quebrantado, numa angústia indizível, para a moleza do sofá, — doente, quem sabe?, de alguma intoxicação de sentimento, — querendo em vão repelir de mim as vibrações mórbidas que me subjugam e me dilaceram. E sinto mais forte, redobrando no zumbido do meu sangue, as canções das flores e das fôlhas, o correr da seiva, em jactos, pelas ramagens que enturgescem...

E da mesa — onde um dia hei de escrever o que nesta hora sinto com dor — uma tulipa, tombada, lassamente caída, vem, numa aparição súbita, exacerbar a revolta espiritual que me confrange.

Oh! aquela tulipa, côr de carne, quem na pôs ali? Olha-me, insistente e muda, através do ar pálido dêste melancólico ninho... As pétalas, ondeantes como quadris de mulher, juntam-se num

bico vermelho, quais lábios franzidos prestes a beijar..

A surprêsa daquela flor admirável que me espreita, viva, pulsátil, veio juntar-se às impressões estranhas que numa farândula doidejante fervem em meu cérebro delirado. — Aquela flor, quem na pôs ali? E no sonhar impetuoso, indomável, que me arrasta a imaginação tumultuariamente, enlanguescendo-me o corpo exausto, o mistério daquela tulipa, abandonada ali, aflora de vez em quando, fugazmente dominador, como numa orquestração, inconexa e louca, um motivo musical...

Cerro os olhos, para fugir às impressões desesperadas que se corporalizam em minha volta, espectros sonoros, fantasmas de côr, — e logo elas ecoam vigorosas, avassaladoras, supliciantes dentro em mim, como se dentro em mim se acumulasse todo o seu tresvário, numa catadupa vertiginosa de alucinações.

E eu pressinto, perfurando a atmosfera que me estrangula e me trespassa, qualquer ilusão etérea, que da tulipa côr de carne se exala e se adensa... Para êsse perturbador enigma, vago, insonhável,

tenta convergir o meu espírito desvariado, com doloridos esforços de atenção...

Permaneço imóvel, petrificado, de olhos quási cerrados, numa expectação sufocante... Adivinho um não sei quê de indistinguível que emana da tulipa, talvez como um subtilíssimo vapor que se coagula... e que se aproxima de mim... e me toca já, parecendo-me sentir os acariciantes contactos das fôlhas filigranadas das mimosas, e sôbre mim expira arôma, o arôma picante dos giestais em flôr, e em minha bôca, depois, de repente, num sobresalto, sorve um longo beijo efusivo, caloroso, fremente...

Foi uma rajada tónica, salvadora, que me sacudiu os nervos um a um, fibra a fibra, nêles vertendo não sei que amorável filtro de ternura e de carinho... Evaporaram-se as quimeras doidas, e sinto-me agora arrastado, muito calmo, por um abismo negro e silente, de quietação absoluta, — não sem que, fulgindo nessa embaladora negri-

dão, como uma estrêla cadente riscando o céu profundo, se me revelasse num momento o segrêdo daquela tulipa côm de carne...

Fôra a tua graça, o teu sorrir, o teu frescor, as ondulações harmoniosas do teu corpo, as curvas que fluidificam as tuas formas, o lampejo rubro de teus lábios quentes, fôra tudo quanto em ti é precioso, rítmico, divinal, que, esparso em átomos nêste gabinete pequenino, se condensou, se aglomerou e se modelou naquela tulipa maravilhosa, de pétalas ondulantes, cujas pontas vermelhas esboçam um beijo prestes a partir...

Viana-do-Castelo,

---

Abril de 1914.



**UN RECORDO  
GALLEGO**

*O quanta species!... cerebrum non habet.*

*(Fedro, «Vulpes ad personam tragicam»).*

*Que linda cabeça! mas não tem miolo.*

*(Tradução livre).*

**A** NDA cá, Manola! vem cá! Senta-te ao meu lado... Assim! Deixa-me observar, à beira, a tua cabeça; quero fazer um inventário do que nela trazes.

Mau! Está quieta! deixa-te ficar!

Ora a ver aqui... — Tu não hás de falar! Está quieta e calada, ouviste? — Prometes? Bonita!

Ora a ver aqui, à direita: uma soberba voluta de cabelo, castanho-negro com reflexos de oiro, passando por uma travessa enorme, escura como os teus olhos e crivada de estrêlas faiscantes. E do outro lado, a ver: ah, não gostas da inestética simetria! que espêssos leques de cabelo a sair do nó de uma artística laçada! Vá, que parece que uma gigante borboleta, de asas de sêda muito abertas, se prendeu enamorada nos fios do teu cabelo!

E logo aqui atrás... que é isto? — Ah! já vejo: um anel de esmalte azul debruado a prata! Creio

que era com anéis dêstes que as rainhas formosas da antiguidade seguravam também as madeixas.

E aqui atrás de todo? — Oh, que monumental pente! afigura-se-me que do castanho do teu cabelo nasce uma palma de âmbar aljofarada de scintilações estranhas!

E que chuva de ganchos, negros uns, doirados outros, alguns de prata, muitos da côr das rosas, — todos reluzentes, a salpicar o teu cabelo, castanho-negro com reflexos de oiro!

E faltava-me ver esta fita de veludo côr de mel, que soergue, em um novêlo, grande parte dos teus cabelos... — Como não reparava eu nesta fita de côr tam doce a estrangular a tua cabeladura, se ela é a chave do teu engenhoso penteado?!.. e termina aqui à direita, por trás da travessa escura como os teus olhos, prêsas as pontas franjadas em uma fivela de curvas elegantíssimas.

Bem! creio agora que do teu cabelo nada fica por inventariar...

E êstes botões de rosa? Ora abaixa mais a cabeça, Manola! deixa lá ver com que arte dispuseste essas flores no alto do teu cabelo... — Muito bem! nada menos de cinco botões de rosa a esprei-

tar por entre uma folhagem meudinha... Que paciência a tua em andares o jardim todo, Deus sabe quantas vezes!, para conseguir essas folhazinhas tam iguais no esverdeado da sua côr e na sua melindrosa pequenez!

Ora agora, vamos observar o rosto... — Quê?! pensavas que o rosto não era da cabeça? — Anda cá, Manola, senta-te, senta-te, deixa terminar êste inventário galante. Vá, caladinha como até aqui! Percebo os teus escrúpulos, os teus receios... Deixa lá! isto fica entre nós, eu falo mais baixinho...

O teu rosto... Vá lá! deve ter... deve ter uns dez gramas de pó-de-arroz.

Ai, sim? essa não sabia eu! com que então por baixo dos pós uma camada de *cold-cream*?! Bem imaginado, sim senhora! Por isso o teu rosto, de linhas tam correctas, é persistentemente branco e todo por igual empoado; agora sei por que prodígio a fronte, as faces, o nariz, o queixo... Perdão! se julgas feio o vocábulo, retiro-o: agora sei por que prodígio a fronte, as faces, o nariz, o mento (gostas?) conservam essa impenetrável camada de pó-de-arroz.

E estas sobranceiras... Chiu, Manola! Estas sobranceiras, sonhadamente arqueadas, — que bem pintadas que estão!

E êstes lábios, escarlates, sem uma prega, — que bem envernizados que estão!

E êstes olhos, olha para mim!, êstes olhos feiticemente escuros, a reluzir entre uma pálpebra empoeirada, alva como a neve pura, e uma pálpebra sombreada como a do sujo vício?!...

E o mais tudo branco: a frente, as faces, o nariz, o mento, — tudo numa inexpressão de máscara. Está caladinha, está caladinha! — Não que êle, Manola, se tosses, se ris, se choras, se suas, se mexes enfim com os músculos ou com as glândulas do teu rosto de linhas tam correctas, lá se vai o pó e a pomada, lá se vão as tintas, lá se vai a casca rubra dos lábios...

Deixa ver agora as orelhas... Que lindo tom moreno que têm! Tam breves e tam delicadas, como se não rasgam elas ao pêso dêstes brincos, em que há oiro e pérolas e brilhantes e rubis e esmeraldas!...

Agora o pescoço...

Claro que o pescoço pertence à cabeça! Pois não vês que o pescoço não é «tronco», o pescoço

não é «membros»... — o pescoço é «cabeça», porque sempre ouvi dizer que o corpo nosso se dividia em cabeça, tronco e membros...

Ora deixa-te disso, Manola! não vês que o mais natural é o pescoço pertencer à cabeça? Nunca se separa a flor do pé.

Dá-me licença... — Então? Está sossegada! Agora já pouco falta. Vamos! quietinha até final! Que tem que eu veja o teu pescoço? Não o trazes tu à mostra (e mais do que êle!) tantas vezes?

Dá-me licença! Consente que vá puxando estas rendas, e os tufos de sêda, e os tules impalpáveis... — Agora já vejo o teu pescoço, e que lindo tom moreno que tem! E como fica bem no moreno do teu pescoço esta fita de veludo tam apertada, e êste colar de pérolas, e esta corrente de oiro aonde se vai prender o teu lornhão, e êste outro fiozinho de oiro... ah! vai para dentro muito colado à tua garganta redonda; — deixa ver o que tem...

Ai, não? E' por certo o retrato do teu namorado, mas deixá-lo! — também seria demais querer que o teu colo não fôsse do tronco...

Agora, para acabar, Manola, afasta-te um pouco de mim, mais um bocado, assim mesmo: quero ver no conjunto, a distância, a tua cabeça, como a brotar, cheia de graça natural e de artifício desgraçado, do torvelinho vaporoso da tua gola branca...

Assim ao longe, batida pelo sol, fazes lembrar uma ondina que tivesse erguido a cabeça entre o espumear de uma onda, com o rosto ainda coberto da brancura da espuma e agarradas aos cabelos não sei que fantásticas algas!

...Não fiquei a dormir, não, Manola: estava a pensar numa fábula de Fedro, que ainda te hei de contar.

Tui,

---

Maio de 1910.

**O MEU  
FANTASMA**



**F**ANTASMA cruel, que me não deixas! Ora te sinto no cérebro desordenado, nêste meu cérebro esbordante de confusos retalhos de ideias, ora te sinto fremente no sussurro intérmino do meu sangue a arder ou no intérmino zunido de meus nervos a vibrar! E, se de mim saís, por um momento, agora, logo, — enxergo-te, sem te ver, nas sombras bailantes do meu quarto, e sempre cruel, sempre com teus dardos inquietadores empeçonhados de imaginação —, cravados e rebulidos na minha alma hiperestesiada!

Fantasma cruel, que me não deixas! vai-te!

Que mal estranho me aflige e me apavora? Que mal é êste que te consente a sanha enraivecida e te amplia soturnamente a maldição das garras, ó Fantasma atroz?

E' a soledade apreensiva, eu bem no sei. E' de abandôno que eu estou doente.

Se nesta indecisa treva, feita de oscilantes manchas negras, tam só riscada por um traço de

luar, que fosforeja de través na minha cama, num fio de luz funérea, — se nêste silêncio, que apenas o meu zumbido interior enche pavorosamente, eu tivera junto de mim a mão da ternura que me afa-gára o coração e o cérebro, — adeus, Fantasma cruel, maldito Fantasma, que no teu rasto levarias o meu sobressaltado tormento, a minha febre de solidão!

¿Tu para que vens atulhar a minha vida interior — de pedaços incongruentes, inurdíveis, de ideias, que se entrechocam informes, num fervente turbilhão enublado, sem que eu as possa reproduzir, nem sequer apreender? Para que me levas, como num vendaval de febre, por imaginárias paragens, entre sons, côres, formas, ritmos, perfumes, luares inéditos, que só dentro em mim se sucedem numa desfilada louca, numa ordem louca, mas numa «ordem», e que na minha consciência não deixam qualquer imagem, qualquer impressão, qualquer vestígio, quanto mais um fio coordenador?

Quero ver êsses ineditismos, quero vê-los interiormente embora, senti-los, registá-los, e não os encontro sequer! Esvoaçam como arômas vagos,

como sombras do crepúsculo, como exalações estonteantes de carnes virginais...

Que amnésia singular é esta?! Por que me laceras, Fantasma cruel e maldito, neste suplício de Tântalo?

E tu falas-me, tu pensas, tu raciocinas, tu mostras-me as tintas, as linhas, os acordes para descrever; mas não decifro a tua voz, não decifro o teu pensamento, não suspeito do teu raciocínio, não posso perceber o que mostras: tudo que vem de ti, Fantasma enigmático, reboa inapreensível dentro de mim, no âmago da minha própria alma que te gerou! Que tu, Demónio que me não deixas, és filho da minha alma, filho de mim mesmo! E's como a vaporação que da terra sai ao sol da manhã, e que na terra só deixa uma sombra vaga e fugaz! E's filho de mim mesmo e, como um doido, não te conheço nem entendo!

Queria repousar. Esta ebulição mental escalda-me a cabeça. A loucura, por certo, agarra-me o cérebro nas suas candentes unhas de ferro.

Quero repousar. Agora *quero* repousar; — ouviste, Fantasma odioso?

E estendo-me no leito; amorteco os músculos; regulo a respiração num ritmo vagaroso, de sono; cerro os olhos brandamente; disperso apreensões; arranco, auto-sugestionado, os cravos que me rasgam o cérebro; alheio-me do murmúrio do meu sangue e dos meus nervos; digo a mim mesmo que o dia não tarda, que não tarda a luz, a boa companhia que me curará desta doença de abandôno...

E como o pensamento e o sentimento determinam posturas e gestos orgânicos, simultâneos, correlacionados, — a minha atitude em repouso determinará a paz da minha alma.

Já não quero saber de ti, Fantasma endemoniado! Já me não remexo inquieto. Esqueci os males, esqueci tudo. Vou-me submergindo conscientemente num profundo, vitorioso esquecimento. Esta onda avassalante de agonia que por mim sobe agora — não é nada. Já te não sinto, Fantasma! Esta lava que jorrou agora tumultuante dentro do meu crânio, em furioso remoínho de áscuas, não é nada, não é nada! Mas abafó. Respiro fundo, sôfrego, desordenadamente. Abro os olhos. Na cama fosforeja o traço de luar. A escuridão é

feita de placas, nódoas trementes, como um xisto macabro. As paredes, julgo que se aproximam num baile hediondo. Sinto-me na estreiteza gelada e negra de um túmulo. Respiro mais fundo, mais sôfrego, mais desordenadamente. De fora nem um ruído, nem um sinal de vida. Tudo trescala a morte. Falo. A minha voz soa-me cavamente, como da bôca de um sepulcro. Não me posso erguer. Tenho o corpo chumbado ao leito húmido. Se eu me levantasse! Erguer-me-ia, abriria as janelas, sondaria a noite iluminada, reanimar-me-ia com a lua já perto do horizonte, com o luar inundando o meu quarto... E faço em espírito o que penso. Levanto-me, abro as janelas às escâncaras, sinto a frescura da noite cheia de luar, vejo a lua já perto do horizonte, ondas de claridade engolfam-se no meu quarto... Estou porém chumbado ao leito. A minha vontade não se completa: falta-lhe a execução.

Eu quero todavia repousar. Êste sobressalto agudo que tive, ao cabo, foi o estremeção último de quem vai enfim repousar, como a crise revolta de um epiléptico antes da paz de um adormecimento.

Tomo a atitude física e fisiológica do sono. Cerro os olhos; amorteço o corpo; desanuvio o cérebro; respiro pausado... — Assim quedo, imóvel, lasso, absorto numa atmosfera tranqüila à força de vontade, embalado muito embora num zunir sem fim...

..... Abro os olhos. Atento na alcôva. A luz de alva já se entorna subtilmente na escuridão. E' uma aguada de luz, desigual e baça, que se dissolve nas manchas negras que dançam no quarto. Já tremem as paredes quando as lobrigo, olhadas com fixidez, e, sujamente ennevoada, já lhes adivinho a brancura.

Bemvinda luz, companheira amiga!

Esvai-se-me pouco e pouco o mal do abandono.

Bemvinda luz, terna companheira amiga!

Retomo a posição do descanso, e outra vez, com a tranqüilidade do corpo, eu provoço a tranqüilidade da alma: agora sem esforço, naturalmente, esperançado na luz que chega, — e fico-me em sossêgo, arrojando o sangue do cérebro,

projectando-o por auto-sugestão, por vontade, para os pés. Não quero scismar, não quero sentir, não quero entender mais contigo, Fantasma! Vai-te! Já perdes a fôrça progressivamente, — escorraçado, batido, desfeito por esta gloriosa luz!

Não te vás, não! Anda cá, Fantasma! Agora que estás enfraquecido, que retraíste as garras empeçonhadas de imaginação, agora vem cá! Na minha calma, posso ouvir-te, posso já entender-te. Vem embalar-me nêste doce caminho para o sono. Percebo-te já, Fantasma! Atendo à tua voz, ao teu pensamento, ao teu raciocínio, à tua expressão. Estamos na normalidade, na vulgaridade, — e sei reproduzir-te, pobre de mim!

Ris-te? Tu, diabólico, maldito, cruel, só na minha solidão doente me estonteias com o que nunca foi ouvido, nem visto, nem sonhado. Procuvo então, sedento, ansioso, ir contigo, fixar as originalidades que me entremostros em velados relâmpagos de arte inédita, e não as topo, não lhes encon-

tro sequer o rasto, a sombra, porque então, Fantasma, andas de camarada com o Pavor, com a Asfixia e com a Loucura, e é aterrado, tresvariado, com uma pedra de túmulo a esmagar-me o coração, com um capacete em brasa a espremer-me o cérebro, que eu te acompanho num deslumbramento. E levas-me a alturas, a profundidades, para que não tenho sentidos. Arrastas-me, numa vertigem delirante, para fora do campo da minha sensibilidade. Pobre de mim! pobre de mim sempre! E aí, Fantasma, nêsse mundo informe que eu não sei adivinhar, deve ocultar-se a Beleza a que aspiro, o Novo, o Inaudito, qualquer coisa que esmague e assombre!

Ah, não me deixes, Fantasma! Não me deixes nunca! Nunca!

Descansa agora, marasmado por esta luz que eu, cobardemente, almejei! Descansa, para à noite redobrares de fúria e me arrebatares nos teus voos ferozes pelas doidas esferas da Imaginação!

Quero-te sempre comigo! Quero a doença do abandôno, o terror da morte, a loucura satânica; quero que me vertas no coração o fel das piores ansiedades, — porque, Fantasma, quero entender a estesia que se esconde no teu delírio nocturno,



quero ir contigo, voando, voando, cada vez mais alto, cada vez mais longe, a ver se num instante supremo, numa fulguração reveladora, inesperadamente se rasga o mistério do Ignorado, e à minha consciência êle surge afinal capaz de fixação! Quero ir logo, amanhã, depois, sempre, nas tuas garras peçonhentas de fantasia, em formidáveis desfiladas tenazes, arrostando os dragões raivosos da Asfixia, da Loucura e do Pavor, a ver se, enfim!, num ímpeto de raio, alcanço a tôrre encantada onde sonha a princesa Inédita!

Fantasma, Fantasma bemdito, nunca me deixes!

Viana-do-Castelo,

---

Dezembro de 1916.

# MARIA JULIETA

—¿Que me importa que tenhas dado o coração?

Eu amo o teu olhar ingenuamente escuro: a viveza dêsses olhos lindos que nos meus se prendem. Eu amo o encanto dos teus lábios, vermelhos como sangue, de mobilidade inefável. Eu amo a côr do teu rosto, níveo como a poeira das ondas. Eu amo a tua alegria, a tua desenvoltura, a tua gentileza, — ó loira figurinha mimosa!

Eu amo a graça do teu corpo, esbelto e artístico; eu amo a tua cabeça de criança onde brilham como estrêlas dois brincos pequeninhos...

—¿Que me importa que tenhas dado o coração?

Demora-te sob os meus olhos, nunca fartos de te ver! Dá-me a luz dos olhos teus, desfaze a bôca

em sorrisos, — brinca, brinca... Pudera eu sonhar continuamente com a tua graça, despreocupada e simples!

Quisera cantar a teu lado a Verdade e o Bem, o Amor e a Beleza, para acordar teu pensamento, para comover teu coração: quisera abalar a tua alma ainda m<sup>o</sup>ça, para que ela, por si, por trabalho seu ora brando ora violento, voasse, voasse cheia de luz — e pudesse ir ao encontro de outra alma irmã da tua e nela se confundisse amoravelmente, como na macieza das rosas se confundem duas lágrimas de orvalho que se encontram...

—¿Que me importa que tenhas dado o coração?

Pudesse eu no teu corpo delicado criar uma alma livre e bela, — sem tenção egoísta de a lograr!

Eu quero a tua felicidade, eu quero que a tua alma, divinizada pela Dor, encontre uma alma divina.

Felicidade é o ver chorar essoutra alma a quem adoramos, quando a nossa própria chora. Viver é sentir, e sentir é sofrer. A Dor é a coroa da Vida. Quem mais sofre é quem mais vive. Feliz do que sabe sofrer — quando a sua alma tem par!

—¿Que me importa que tenhas dado o coração, — se porventura o deste bem?

Eu só quero sonhar, — e o que te admiro a mais ninguém pertence. A suavidade do teu olhar, como eu a sinto ninguém mais a sente. A expressão da tua bôca, só eu a contemplo como eu a adoro. Da arte do teu corpo leve, só eu amo a impressão que me provoca.

Na água, sossegada e pura, claramente quieta, ou na água jaspeada pela aragem mansa, — a luz,

ao sol morrer, transforma-se, poetiza-se, espiritualiza-se, e cada qual ali sente a grandiosidade da Natureza; mas não são iguais os aspectos a todos os olhares: o que certos olhos alcançam, outros o nem sonham talvez.

E a suavidade do teu olhar, a expressão da tua bôca, a arte do teu corpo, tais como eu as vejo, são minhas, só minhas. E eu não desejo mais nada para mim.

Guarda o coração. Sabe guardá-lo. Aquela ventura me basta.

Não tires, pois, ó loira figurinha mimosa, de meus olhos d'alma o estímulo delicioso da minha ventura!

Deixa-me sonhar. Deixa-me sentir a Natureza, grande, eterna, infinita, no teu melindre, na tua graciosa delicadeza!

Pôrto,

---

Março de 1911.

# ENIGMA

**H**AVIA pouco tempo que namorava com Ricardina.

Elegante, de uma esbelteza patricia, de rosto gentilissimo que um olhar, meigo e simples como nenhum, mais alindava, — a cada momento lhe descobria perfeições que me enamoravam crescentemente, variadamente, cativando-me por cem laços, sempre novos e mais fortes, que deixavam supor outros que, por serem misteriosos, mais ainda me cativavam...

Conhecia-a apenas de alguns dias, quasi só de a adorar na varanda da sua casa antiga, pela noite morta, — graciosamente banhada, como se fôsse uma deusa, na luz viva de um candieiro: era elle — se me não havia de lembrar! — o n.º 1.485...

Ricardina falava ainda pouco, muito pouco, — mas, nas linhas instáveis do seu rosto, adivinhava-se já a nobreza da sua alma vibrátil, cheia de inocência e poesia. A minha ideação juvenil supria o silêncio dela: completava-a no seu pensar e no seu sentir, espiritualizando-a, — como um artista completa o esbôço fugaz de um quadro, subtilizando-o com o vago do sonho. — E há lá artista mais artista do que o namorado?!



O namorado vai buscar à imaginação a costela de que forma o seu ídolo, a mulher que o apaixonou. O sôpro divinal que lhe dá vida, a ela, é a paixão que o gera e constantemente inflama. A mulher adorada vive mais na idealidade nossa — do que na realidade.

Assim, Ricardina, o meu ídolo, brotava do meu pensamento e do meu sentimento, brotava do meu sonho, inegalável de harmonia, de perfeição, de beleza, entre os mirtos e as rosas da minha fantasia, — qual Vénus pura e branca, da espuma branca e pura das ondas...

Ricardina era afinal uma realização do meu desejo, da minha vontade, do meu ideal; era uma criação do meu espírito. A minha alma, entusiástica, pulsava em Ricardina, envolvendo-a numa fotosfera de lindeza que não era também mais do que expansão da minha própria alma...

Falava pouco, muito pouco... — Mais eu sonhava, porque a minha ignorância de Ricardina

mais asas me dava à imaginação, — e mais a adorava ainda porque destarte mais ela era como eu sonhava e desejava que fôsse...

Tagarelava eu, no voar daquelas horas deliciosas que sob a sua varanda passava, escandecendo as frases com todo o calor da minha sensibilidade febril, para animar aquela formosura discreta e recatada a condensar em palavras de anjo a candidez, a virtude, o talento que lhe vagueavam na expressão do rosto.

Eu só podia, no entanto, sonhar, enleado na transparência da sua alma divina. Por seus lábios quási lhe não deslizava mais que o indefinível encanto do sorrir... E como era bom sonhar!

Uma noite, disse-me ela — que enternecedora timidez! — que o enlêvo daquelas horas nocturnas, já docemente habitual, ia ser interrompido na seqüente noite. Não estaria em casa.

—*Talvez!* sublinhava com voz um pouco menos tímida, — e no seu olhar mais húmido a luz do gás convertia-se em feixes de luar...

Roguei então, descorçoado, que se não esquecesse de na grade, — onde o peito se lhe agitava num ritmo curto —, deixar qualquer sinal que me avisasse da sua ausência.

..... Sonhava ao aproximar-me da varanda preciosa, onde os seios de Ricardina, sempre disfarçados em corpete castamente farto, se premiam tantas vezes sem que o ferro, ao experimentar-lhes a resistência, jamais lhes pudesse trair a curva... Sonhava com o sinal, que infantilidade! — sonhava na graça que lhe dariam aquelas mãos, delicadamente pequenas, leves, como percorridas por angélicos nervos...

Eu adoro o mistério... Quem o não adora? — e o mimo daquele sinal, que na significação me faria sofrer e na sua arte me faria gozar, era um mistério — a um tempo agro e doce como a saborosa pêna de ver chorar por nós a mulher a quem amamos.

Cheguei alvoroçado, a sufocar de ansiedade.

Na varanda, caída de um espigão, vi à luz intensa do bico incandescente n.º 1.485, uma peúga branca do pai de Ricardina.

Viana - do - Castelo,

---

Outubro de 1911.

## **A OUTRA**

LÁ fóra, uma chuva meudinha escurecia a tarde melancòlicamente, parecendo encher a atmosfera, por igual, de uma fumarada espessa. Entreviam-se apenas, embaciados, os tufo-  
sos cimos de algumas árvores, com os ramos pendentes, imóveis, como dorsos que se curvassem, encolhidos, para resistir melhor à chuva fria. Através dos vidros, onde brilhavam raras pérolas de chuva, passava a tristeza e a sombra da tarde que penumbravam dolorosamente a mornez do quarto. E Guiomar, alva na alvura do leito, num convicto pressentimento de morte, recordava... recordava... lentamente, como saboreando a vida.

... Fôra também no inverno, mas num dia cheio de luz, radiante, ao arôma de acácias tôdas em flor, orvalhadas de oiro, que o primeiro beijo tam sonhado, tam apetecido — e tam retardado —, se trocara entre ela e Eduardo, num inexplicável momento heròicamente ousado, fundindo por

uma outra, mal-prevista maneira aquelas duas almas que, havia muito, os olhares, as palavras, os silêncios, os contactos longos e ingénuos, tinham docemente fundido já... Lembrava-se bem, sempre se lembraria bem: uma perfumada aragem, de mansinho, como se fôra tocada por um anjo, traspassava num murmúrio alegre as louras copas rendilhadas, e uma lenta e rara chuva de oiro caíra, numa enternecida bênção do céu, quando os seus lábios se uniram. O sol aquecia pàlidamente a beleza da tarde...

Depois, mal ficara absorta naquela perturbação, Eduardo beijara-lhe ardentemente a garganta com um beijo súbito, devorador, — e ela, que nunca havia pensado em um beijo assim, muito agitada por aquela imprevista e estonteante revelação, sentiu-se logo resvalar para um torpor estranho, e deixou-se cair, desfalecendo-se, de encontro ao peito dêle, de encontro ao seu peito forte, como haste débil que se ampara, flexuosa, a um tronco robusto. E entre a indecisão nevoenta do seu novo sonhar, ela pressentia que as suas almas se aproximavam ìntimamente e se confundiam numa só. E quando se arrancara de junto

dêle, da pressão dos seus braços cariciosos, parecera-lhe que nêle deixara tôda a sua alma e que, no vazio que em si ficara, vagueava inebriante, indelével, o perfume da alma de Eduardo...

E recordava... recordava..., lentamente...

Ao encontrar-se, depois, sòzinha a scismar, afigurava-se-lhe que era outra. E sim, era outra! A sensação daqueles beijos, sob o conchêgo carinhoso e discreto das árvores, que aromatizavam vivamente a solidão mais terna do jardim, refizera-lhe sem dúvida todo o ser, dando-lhe anseios indefiníveis, desejos sem forma, obscuros, uma diversa atracção da sua alma e da sua carne para êle. Havia nela um vago prazer aflito que procurava com avidez, com desespero, uma satisfação ignorada, penosamente inapreensível.

Começou então a sentir-se mais dêle, mais para êle, e na sua presença, às vezes, contrariando os anelos que a endoidavam, queria resistir à tentação de o beijar... Mas, ao primeiro beijo quente de Eduardo, ela apertava-o muito e muito, esmagando com sofreguidão a tenrura dos seios contra



o peito forte dêle, e desejando que êle a cingisse bem, a estreitasse com vigor, a magoasse contra a sua carne em abraços cada vez mais intensos, e lhe sorvesse demoradamente os beijos mordendo-lhe os lábios.. E ficava por fim sem ideias, abstracta, mole, sustida nos braços de Eduardo... — e insatisfeita. Que enigma torturante vivia no seu corpo?

Quando estava longe de Eduardo tinha longos sonhos, ora deslizantes, ora inconexos, que muitas vezes a imobilizavam em êxtases sem fim. E pensava em muitas coisas que lhe havia de contar, mil perguntas, mil dúvidas, mil receios, mil promessas... e, mal chegava ao pé dêle, sentia-se fascinada, com a cabeça vazia, sem que nela relampejasse uma ideia, e um zumbido misterioso lhe fazia vibrar todos os nervos... Então, só queria ver Eduardo, os seus olhos, os seus gestos, a sua bôca... Acabava por lhe fixar os lábios, finos, palpitantes, esperando com ânsia medrosa que êle a beijasse, — e as duas bôcas, húmidas, suspirantes, sugavam-se num frenesi de beijos...

E, lentamente, recordava... recordava...

Recordava tôda a sua ventura inquieta, sobresaltada, do tempo de solteira. Revivia por meúdo, sem ordem, instantes da sua vida, ainda os mais fúteis, como quem esfolheia um livro amado e conhecido, para trás, para deante, lendo aqui, lendo acolá...

Èle brincava também. Era quando parecia voltarem ao tempo de crianças, e um ruidoso contentamento os unia, obscurecendo-lhe, a ela, venturosamente, os anseios enigmáticos, que a torturavam, com delícia embora.

¡E como Eduardo porfiava em troçar dos temores supersticiosos que ela tinha ameúde!  
¡Como êle se rira, num dia de novembro, quando lhe oferecera um fino punhal de cabo de marfim, e ela, quási chorosa, se tomara de apreensões assustadas, pensando logo em mortes sinistras! E Eduardo, rindo sempre, apontara uma densa moita de flores em cachos rubros, dizendo que já lhe parecia haver sido uma onda de sangue fumegante que roçara por aquelas flolescências e as tingira assim tràgicamente. E brandia ao sol a lâmina luzente, arripiante, delgada como um estilete, onde

bailavam reflexos de gelar. Como ela se lembrava bem!

E, ao cabo, fôra-se acostumando àquele punhalzito, e ei-lo ali estava perto, na mesa do seu quarto, morando honradamente entre livros, para os abrir.

Talvez fôssem tolarias as crenças dela, talvez! Intrigas entre os dois, porém, só as houve quando Eduardo lhe dera um ramo de formosas dalias! E que formosas! — Seriam tolarias, seriam. Coincências talvez. Aquilo, no entanto, vinha-lhe lá de dentro, galgando todos os raciocínios.

Certo era que se habituara àquele punhal; o tempo lhe havia delido pouco a pouco o ar terrível, e o tornara por fim em um bom companheiro inofensivo e útil — e até querido, pois que fôra para aquêle quarto no dia do seu casamento.

O seu casamento, a sua vida de casada!

Primeiro, ficara aturdida com aquela ventura excessiva, inédita, que, pelo deslumbramento, a não deixava discernir, apreciar a felicidade, — qual pupila muito dilatada que não vê por excesso

de luz. Fôra como se na concha pequenina das suas mãos, sùbitamente, de um jacto impetuoso, caíra um sem-número de preciosidades maravilhosas, — indistinguíveis na sua estonteadora confusão.

Depois, gradualmente, conseguira deliciar-se, analisando atenta a sua felicidade, sentindo-a com sabor, ardorosa ou tranqüila, em todos os seus aspectos, sempre queridos, — e o seu viver tornara-se em um delírio de amor.

E recordava... recordava...

Tam gratas revivescências, quando, lograda a máxima ventura, ia morrer, encheram-na de uma tristeza infinita, e aos seus olhos subiu amargamente o calor de lágrimas comovidas...

— Anoitecia. Começava a soprar o vento do norte que fremia pelo jardim, em sussurros lastimosos.

Eduardo entrou com luz, e a chama lanceolada, oscilante com preguiça, iluminou maciamente o quarto, povoando-o de sombras e reflexos. —

... E as lágrimas de Guiomar, trementes por segundos na luminosidade dos seus olhos, como estrêlas no luar, — como estrêlas se lhe desfiaram pelas faces, deixando rastros scintilantes...

Eduardo olhou-a doridamente.

O fulgor daquelas amarguradas lágrimas, cheias de luz suave e triste, penetrou a alma de Eduardo como um poente de inverno sangrando comoção, e inundou-lha de mágoa inefável.

Sentou-se junto dela, na beira da cama, e entre as suas mãos a desfazerem-se em carinhos serenou-se o rosto de Guiomar, diluindo-se-lhe a dor na leveza sedutora daquelas mãos, em que a mais sentida e amável ternura corria, cautelosamente.

Dentro em pouco, porém, os presságios de morte quebraram em Guiomar o seu breve sossego, e dos seus olhos tristes recomeçou a volatilizar-se uma ilimitável tristeza que, em ondas iluminadamente travorosas, asfixiava a sensibilidade de Eduardo.

E ela falou, com voz esmaecida, vagarosamente, da sua morte; falou de que êle a esqueceria depressa e que outra mulher não tardaria a ser amada por êle. E o seu ciúme, o seu feroso ciúme,

que tam recalcado latia no mais íntimo da sua alma, veio-lhe todo, com amargor, aos lábios nervosos. — Morria com aquela pênna, a sua maior pênna, invejosa da «outra» que a viria substituir. Quem amaria, contudo, a Eduardo como ela? quem? Oh, que não acreditasse êle em mais ninguém! A «outra», quemquer que fôsse, enganá-lhe ia, nunca poderia experimentar a adoração que ela por êle doidamente experimentava. Só ela o amava, só ela! ninguém mais saberia amá-lo! E chorava com raiva e com desalento, chamando-o para si, como no almejo febril de lhe deixar bem gravadas para sempre, inapagáveis, aquelas certezas.

Eduardo falou-lhe muito, num murmúrio doce. E, para a aquietar de todo, acabou por lhe sorver num vibrante e longo beijo as dúvidas, as apreensões, os receios, os ciúmes, e ficou-se com ela, já confiada, já serêna, entre os braços, — e entre os seus braços a susteve demoradamente, como se ali tivesse a Virgem do Céu, a Virgem Dolorosa, num singular momento de fugaz sossego.

Deixou-a por último, com um afago edulcorado de mimo, ficar num amorrinhamente calmo,

— e, prostrado pelas vigílias atentas, deitou-se no sofá, e logo adormeceu profundamente, ao choro embalador das ramagens, que o vento remexia sem cessar.

Ela continuou, por largo tempo, esquecida naquela modorra acariciante, como inercial pela recordação da voz meiga de Eduardo, mas, pobre dela!, acordou dêsse bom sonho, para outra vez, horrivelmente, lhe atormentarem a alma os presentimentos de morte, as mil aflições que dentro do peito se tinham acalmado para com mais sanha irromperem, tiranizantes, indomáveis.

Guiomar, numa obstinada ânsia de distrair a sua angústia, procurou fixar a atenção no seu quarto amado, que a luz brandamente iluminava. Olhou à direita a janela, sôbre o jardim, e quis só lembrar-se da última vez que a ela esteve: Eduardo abria-a, e uma onda viva de frescura se precipitara na tepidez do quarto, e ela deixara-se envolver deleitadamente por aquêl ar sadio, gozando-o na pele, aspirando-o, deixando-se penetrar por êle até lhe avivar a alma, que se revigo-

rou... e, voluptuosamente, avançara para o parapeito com os olhos postos no azul veludoso do céu, deixando-os resvalar depois pelo jardim, até cairem, longe, nas braçadas mais altas das acácias...

A seguir, mais para lá da janela, a mesa com os livros predilectos; — e queria absorver-se na lembrança das horas felizes que ali passara, antes de encamar de vez...

A tormenta da sua alma, porém, aflorava sempre, debandando as consolações que Guiomar buscava desesperadamente.

Ela porfiava contudo... — E porfiava por embeber-se na contemplação do retrato que, na sua frente, pendia da parede; era um retrato grande, magnífico, tirado no dia do casamento, e em que ela e Eduardo, muito juntos, se olhavam com os olhos a refulgir felicidade.

E procurava recordações, umas após outras, com frenesi, para abafar os suplícios que se chocavam dentro do seu coração.

Para a esquerda, estava o seu único Amor, o seu Eduardo, negligentemente deitado no sofá; dormia como um justo, com o rosto serêno. Guiomar deixou os seus olhos, cheios de mágoa e de



enlêvo, na serenidade daquele rosto amigo, e a sua paixão imensa pelo companheiro que a tornara tam ditosa, fêz calar os desvarios do seu espirito doente, — e permaneceu como encantada, olhando, olhando o seu único Amor...

Esta sua adoração consoladora tropeçou, afinal, com o seu grande sofrer. Eduardo seria de outra.. — e recomeçaram as atribulações da sua alma desgraçada, e recomeçou Guiomar aflitivamente a correr a vista por tudo quanto se aconchegava naquêle ninho, quási perdido, para que revivescências e saudades viessem entorpecer as suas angústias doidas...

— Um sino começou a bater a meia-noite. —

A primeira badalada, súbita, áspera, rouca, lacerando a noite com a crueza de um berro de pavão, sobressaltou violentamente Guiomar. O vento, fóra, levantava das árvores um lamento soturno.

E outra... e outra badalada... caíram lúgubres, sinistras, numa lentidão funesta, deixando no ar um rastro de som vibrando fûnebrenemente...

Meia-noite? — Guiomar soergueu-se, numa aflição terrível, apertada a voz num cerrado nó que a estrangulava; — ergueu-se coberta de suor nevado, abrindo muito a bôca e as narinas, olhando em redor desvairadamente... Quis gritar, gritar muito, chamar Eduardo... E a garganta retraía-se-lhe dolorosamente, afogando-a.

As badaladas tombavam vagarosissimamente, em vagar de agonia, — com uma regularidade imperturbável, inexoráveis.

Meia-noite? A ânsia mudou-se-lhe, de pronto, em convicção. Adivinhou a hora tremenda, negra de agoiro; a hora infernal dos sortilégios.

Meia-noite! Ia morrer. Não ultrapassaria esta hora fatídica. Sentia-o, sentia-o desta vez com uma certeza absoluta, empolgada pelo desvairamento da superstição.

E da nebulosidade, que lhe confundia tudo ali dentro, sobressaiu, nítido, o retrato grande que pendia magnificamente da parede. Aquêlo retrato crescia, dançava, animava-se ante os seus olhos atraídos. — Mas era ela? era ela que estava ali?

Não! oh, não! Era outra, a «outra» que se encostava a Eduardo, que lho roubava...

Ergueu-se mais, e mais, estendendo a cabeça louca para o retrato que a fascinava, mirando-o com uns grandes olhos fulgurantes, fixamente, arquejando e fria...

E outra... e outra badalada... soaram moribundas, vagamente, desfazendo-se no rumor do vento...

Ela ia morrer! e a imagem daqueloutra mulher, na hora da sua morte, vinha insultá-la! E Eduardo, ali perto, a dormir num descanso infame, porventura a sonhar já com a «outra»! — Guiomar alargava uma das mãos nervosas, em atormentada ameaça, para êle e para o retrato, enquanto com a outra apertava freneticamente a garganta como para desatar o nó que lhe sumia os gritos.

Saiu da cama, levantou-se num repelão, e, ouzada, logo caiu, quebradas as pernas frouxas. A luz da lâmpada oscilou indolentemente. — Ergueu-se outra vez, amparando-se ao leito, e, firmando-se aqui, ali, deu algumas passadas mal seguras, cambaleante; endireitou-se depois, muito direita, como um fantasma de dor, com o roupão

branco descendo em pregas amplas, — e os cabelos, escorregando-lhe da cabeça em ondas negras, caíam revoltos nos ombros e escorriam desalinha- dos para o peito nu e para as costas nuas.

E outra badalada, surda, entreouveu-a ao longe, como um eco, num gemido abafado...

Deu mais um passo, amparando-se, tresvari- ada, sentindo a tortura da agonia, pungida pela vi- são de Eduardo com a «outra», a beijá-la como a ela, a abraçá-la como a ela, em tétanos de volú- pia... Caminhou, Senhora dos Martírios, Senhora dos Ciúmes, ofegosa, respirando estridulamente, e segurou-se alquebrada ao reposteiro da janela. Fóra, na trágica negrura da noite, soluçavam estrêlas, e ramos de árvores se mexiam pesada- mente, como negras asas de avejões macabros.

E outra badalada ressoou, metálica, vibrante, como trazida numa lufada de ar contra a janela.

Recuou espavorida, — e avançou, convulsio- nada de terror e ciúme, para a mesa. E apoiando- se aí, os seus dedos frágeis tocaram, arrepiados, a lâmina acerosa do punhal, e logo a sua mão, num ímpeto, o agarrou crispadamente.

Prosseguiu, apavorada, agora sob o retrato, quási tropeçando já com o sofá, onde sempre tranqüilamente dormia Eduardo. — Por cima da sua cabeça, a «outra» abria os lábios, triunfal, petulante, com sorrir de escârneo... — e a mão de Guíomar encontrava no contacto do punhal energia crescente para o apertar, e na lâmina fina relampagueavam scintelhas que riam, sarcásticamente alegres, como brilhos dos dentes da «outra» a sorrir...

E, boiando no cantochão fúnebre do ramalhar das árvores, mais uma badalada se fez ouvir, cavamente...

A penúltima? a última? Era o instante do seu fim? — Um frio de neve a amortalhava já; asfixiava, a garganta contraía-se-lhe num espasmo atroz, esmagavam-lhe o peito as garras da morte... Queria raciocinar um momento, gritar que lhe acudissem, salvar-se... e percebeu, através do seu delírio e do seu pavor, Eduardo, ali de frente, num sono profundo, calmo, provocante, a sorrir, a sonhar com a «outra»... A «outra»! E, num impulso rápido e louco, cravou a lâmina no peito de Eduardo, e, como se a vida se lhe esgotasse naquele relâmpago de energia feroz, foi já o

seu cadáver, tombando, que lhe acabou de enterrar  
o punhal no coração.

Lisboa,

---

Dezembro de 1915.

**AIRES DE  
GALICIA**

**C**HIU! Olha por ali, Manola, para aquele jardim em frente! Olha por ali, por êsse claro da folhagem, logo acima das rosas grandes... ¿E' uma irmã-da-Caridade, não? Ah! é uma irmã-hospitaleira. E bonita! Fica-lhe bem ao rosto o creme da roupagem e a moldura negra do véu! E que desembaraço, que porte, que meneio! Com que delicadeza mete as mãos pequeninas e pálidas através do rosal, a escolher as flores mais perfeitas! Olha como aquele Cristo de marfim lhe dança no peito, na elevação dos seios, enigmáticos sob o forte e grosseiro hábito!... Lá caminha no carreiro, com imponência; lá arregaça de mansinho o hábito; lá repuxa a saia-de-baixo um quási-nada... Andar de santa meudinho e airoso... — que magníficos pés!...

Cala-te, Manola, olha que magníficos pés!... Lá passam para as suas mãos, pequeninas e pálidas, as rosas brancas daquela outra roseira... E torna a caminhar, tôda bonita, tôda grave; — já puxou mais o hábito, e mais a saia-de-baixo... Olha, Manola, que magníficos tornozelos!



Que lembrança! queres então que eu tussa, Manola! Para que hei de eu fazer barulho? queres acaso que a irmãzinha se vá embora, fuja còrada aos olhos meus, e me não deixe contemplar aquelles magníficos tornozelos?... Olha, olha como passeia galante, sublime, pelos carreiros todos à cata de flores belas, e com que delicioso garbo caminha e ergue o hábito!

Bem, Manola! assim como assim vou tossir. Estás para aí amuada...

Olhar, olhou, Manola, — mas decerto me não viu. Repara em que levantou mais o hábito e a saia-de-baixo... — Manola, Manola, que magníficas são as canelas!

Tusso mais? Quê?! Não, Manola! Pois queres tu que eu meta a cabeça por êste claro de folhagem e tussa forte, muito forte? Que horror!

Mas vá lá, Manola, vá lá!...

Agora viu me bem, sorriu-se até a fada! — Oh! vai-se embora!... Olha-a Manola, pelas costas: como se pressente dentro daquele farto e grosseiro hábito a graça infinita do seu corpo!... E que magníficas barrigas-de-perna! Deixa-me observar! Está quietinha! — Lá se adeanta no carreiro, sobe agora aquela escadaria morena bordada a

musgo... Manola, Manola, viste? lá olhou para trás, — e que magníficas... que magníficas ligas! Deixa-me ver, Manola! Chegou acima, ao terraço, a juntar-se, donairoso e séria, àquele bando de religiosas, de azul umas, de creme outras, várias de preto... Como elas agora se riem, Manola!

— Olha lá: aquilo ali é algum colégio de meninas?... Algum asilo?... Algum hospital?... Algum convento?...

Mas então que diabo é aquilo ali?

... Com que então aquilo ali é uma casa de padres?!

Tui,

---

Maio de 1910.

**PORQUE TE  
NÃO FALO?!**

**P**ORQUE te não falo?!  
E tu, meu Amor, quando mo perguntas, olhas-me com os teus olhos de luar, tristemente negros, embelecidos ainda mais — se é possível — pela estranheza com que me interrogas.

E eu fico na mesma, calado, junto de ti, beijando com o meu olhar o teu olhar...

Ah, deixa-me permanecer assim mudo, tam à tua beira, estonteado pela graça que de ti se evola, a reparar silenciosamente nos teus olhos tristes!

Eu não quero perturbar, nem de leve, a deliciosa vibração da minha alma tôda. Eu quero-a auscultar em absoluto, quero-lhe sentir tôda a expressão, tôda a harmonia, todo o arroubo.

E as palavras quebram êste doce encanto: elas são rudes, sempre rudes, por mais ternas que sejam, para esboçar sequer a vibração suprema da alma enamorada e perturbam-lhe sempre a sublimidade inexprimível do seu ansiar estranho. Só um som divino poderia cantar um êxtase de amor:

— a lira de ouro de Orfeu, a harpa de ouro de Merlim...

Eu sou levado, olhando o teu olhar, na corrente deslumbrante dos meus sonhos, que se projectam nítidos, vivos, no silêncio. Vou como no deslizar de um rio plácido, à flor da sua água límpida, longe das margens que ignoro e do leito que julgo imundo, de lamas. E indo, a olhar o teu olhar, silentemente, no rio dos meus sonhos, — quem sabe se me espera o mar fatal da Morte?! quem sabe se abordo à ilha dos Amores?!... — mas vou sonhando sempre, esquecido na moleza acariciante da corrente dos meus sonhos...

Dispersos no ar imóvel, por entre a mudez e a beleza das coisas, brincam os génios dos entusiasmos, das esperanças, dos devaneios, das aspirações, — os génios do amor e da poesia. Foram gerados pela união apaixonada e pura das almas intemeratas, pelos olhares e carícias das afeições ardentes e simples, pelos beijos virginais dos lábios de fogo.

Êsses génios, êsses espíritos cândidos, êsses deuses suavemente melindrosos, todavia, só no silêncio descem da serenidade azul do céu e vêem, através das flores e das árvores mudas, procurar a nossa alma comovida, para a levarem, pelo espaço e pelo tempo infinitos, às voluptuosas mansões da Idealidade, perfumadas do máximo amor, doiradas de beleza e felicidade máximas.

E é a alma, só ela, que percebe e sente, no silêncio profundo, a harmonia dessas irrealidades que o Sonho vence e realiza. O silêncio tem então a sua melodia, a sua música: tem a sua expressão sonora, que só a hiperestesia da alma atinge e apreende.

A harmonia da garganta negra da noite morta, do sorrir luminoso da lua cheia, da soledade meiga dos sepulcros, da paz soturna dos bosques, da vastidão êrma das montanhas, do arrepio eterno das estrêlas de oiro... é a harmonia do Silêncio, cuja inefável sonoridade só a alma escuta, quando a comção a um tempo a excita e enlanguesce...

E o teu olhar, a tua presença a respirar a tua doce alma, sobressensibilizam meu peito melancólico, — e os génios do amor, da poesia, arrastam-me carinhosamente pela calma do silêncio,

onde floresce o país dos sonhos e onde ténue música divina, num segrêdo íntimo, quási mata de tanta vida...

Sonhos, alvoroçados sonhos, no vago nevoeiro da imaginação tumultuosa, — conseguira eu, num poder sem fim, concretizá-los, mudá-los em realidade, perpétua e feliz!

Ventura a do escultor famoso, cuja inspiração gerou num bloco tôsko de mármore as formas etéreas e cadentes de Vénus, e que, depois, apaixonado pela obra sedutora, esmolou da Deusa figurada que dêsse vida àquele mármore gentil que a sua própria vida era: — e na frieza da pedra correu o movimento, a alma, o amor...

Pudera eu, como o lendário artista, animar, realizar os sonhos que o meu sentimento idealmente escultura quando o Silêncio faz ouvir, à minha alma embrandecida, a sua voz de encanto, como escoada finamente das cordas da lira de oiro de Orfeu, da harpa de oiro de Merlim!...

Viana-do-Castelo,

---

23 de Agosto de 1915.



# MARGENS DO RIO DOURO

Em Sanhoane,  
pelas Vindimas.

**P**ACHORRENTAMENTE, a égua trepara o caminho de Sant'Ana, cavado fundo no terreno íngreme. Fôra calcando com segurança igual o piso desigual, ora de terra lisa ora de pedra solta, até cima à estrada que circunda o têso da Senhora do Monte.

E por essa estrada, naquele alto quasi plaina, com a vélha égua a passo, saboreadamente fui olhando, absorto e maravilhado, a Encosta soberba de Fontes, majestosamente desdobrada em arco do outro lado do vale. Pousava-lhe imóvel, nas corcovas altas, aos farrapos e como se fôsse leve exalação da terra cansada — uma neblina rasteira e flúida, que velava azuladamente pedaços da Encosta sem a esconder nunca.

O sol da tarde, caindo quente para sôbre o rio Douro, para entre as duas províncias abundosas, manchava de sombras, caprichosamente, os montes sem fim. Para o sul, parecia

que uma gigânteia mão de sombra agarrava o tampo da Encosta magnífica, avançando-lhe pela correnteza dos cimos, num arremêso de rapina, os dedos negros, colossais...

Por trás, ao longe, lá para o fundo clara pedra preciosa entre o verdume escuro das montanhas, luzia uma nesga do rio Douro; — assim encravada na convergência das faldas de dois montes que se erguiam e se afastavam, simètricamente se recurvando, era como uma borboleta de corpo de safira, brilhantíssimo, a levantar as estupendas asas verdes até topetarem os céus — céu de Trás-os-Montes, céu da Beira-Alta.

E, cavalgando a vèlha égua a passo, saboreadamente eu olhava a Encosta soberba...

Soutos densos escalando a vertente, confundidas as copas arrendadas em segredos amoráveis; romagens de pinheiros, alegres e esbeltos na sua pequenez, coleantes pela Encosta arriba até o alto dos cabeços; e azevinhos, castanheiros, medronheiros... às chus-

mas, esverdeando-lhe em tons vários as lombas suaves, cujo solo raro se descobria afogado e amarelido pelo rôço, com ferrujentos bordados de fetos murchos... E vinhedos, — vinhedos por tôda a parte! Vinhedos em cepas, do chão erguendo as hastes viçosamente curvas para aqui, para ali, numa confusão espêssa, como um jôgo indestrinçável de mil jactos verdes que em mil sentidos, emaranhando-se, repuxassem da terra... Vinhedos em bardo, alinhados em filas rigorosas, perfilados, hirtos, quais formaturas imensas de soldados em sentido... E oliveiras, bichas serpeantes de oliveiras, demarcando as propriedades, as terras de cada qual...

Ao meio da Encosta ubérrima, tôda a cantar vida e fecundidade, — Fontes, anichada lá junto das cristas, numa quebrada. E para o sul dêsse grupo alegre de casas, mancha de côr fresca, — por uma prega da Encosta abaixo, loirejavam nos socalcos leiras de milho escanado: era uma torrente de oiro pálido a descer aos saltos de valo em valo...

E casinhas brancas, umas solitárias, scismadoras, como ermidas, — outras em bandos

aconchegados, como raparigas ao soalheiro, brilhavam por aqueles montes seivosos, à luz serêna do sol da tarde, amochadas entre pomares...

A égua escala um muro derruído, trepa em solavancos para o têso da Senhora do Monte, até junto da capelinha alva debruada a amarelo cru, — e, andados uns passos felizes, na frescura do ar tónico, surge desde a raiz, do fundo luxurioso de um vale e muralhando o horizonte, — o Marão!

Eis lá cima, perfurando o azul firmamento, o pico da Águia, — e eis o colosso, acaçapado pesadamente na feracidade dos vales, erguendo como um titã os lombos fortes para a concha do céu.

E' uma brutalidade de terra, quási improdutiva, excrescendo desarmònicamente dêstes férteis e concordes outeiros que empolam sem descanso a doce região dos frutos.

Ora se arredonda em amplas corcovas macias, e se tem uma impressão terna do seu contacto assetinado pelo vermelho das urzes, ora

se alcantila àsperamente em agulhas selvagens, escarnadas, que mostram o arcaboço de rocha, forte e reluzente como aço. E para o contraste ressaír mais vivo nesta barreira enorme de terra, acastelaram-se as rudezas numa irregularíssima pirâmide formidável que vai afilar-se no pico da Águia, até onde galgam, por aqui, por ali, sulcos das enxurradas, barrancos a prumo, rectos, que parecem os tendões retesados do gigante no esforço louco, satânico, de se roçar pelo céu, — e, para os lados, preguiçosamente, alargam-se as redondezas suaves, em contínuo e lento curvear de seios, que as urzes embebidas de sol mais ainda amimam, com um fôfo e luminoso afago de côr...

E na ternura azul, que do alto abençoa tôda a terra, recorta-se a longa cumeada, semelhante ao fio de um cutelo monstro, esborcinado, cheio de bôcas fundas e extravagantes...

Venho agora descendo pela estrada, a caminho de Sanhoane, arredado de córregos e atalhos.

Desvanece-se pouco e pouco a aragem, e o calor do sol bafeja cada vez mais o ar que se imobiliza.

A terra, vestida completamente de vegetação, sem horizontes largos, é um ninho tépido, cariciosamente agasalhador, ofegante de perfumes, pelo qual se passa com enlêvo, numa difusão da alma embevecida.

Vê-las aí estão as cepas, baixas, tam baixas, envergadas para o chão de côr barrenta, a conchegarem os cachos de uvas morenas, uvas doiradas, uvas com translucidez de sangue, uvas pretas empoadas de prata... e vê-las aí vão, as cepas, a que o outono começa de amarelecer os pâmpanos, subindo, subindo as encostas, trepando os socalcos, os escalões infundáveis, até o coruto dos montes em festa, como se o céu as chamasse para a Deus ofertarem os seus néctares!...

E por meio delas, as fiadas de oliveiras, com os tufos prateados pelo sol, coleando, torcendo-se, estirando-se por entre as propriedades, que se beijam, que se dão as mãos, que se confundem numa fraterna amizade...

A espaços, tapetes fulvos de rôço, fetos rosados, urzes enroxadas de flores, tojos aljofrados de amarelo, pés de mato como estrêlas, como crisântemos estranhos, como estranhas anémonas de um verde túrgido...

De vez em quando, avançam até às margens da estrada, árvores isoladas, — umas, de tronco direito, que lembram solitários empenachados de verdura; outras, debruçadas como a ver quem passa, curiosas e míopes... — e os capas-rotas, espreitando, entremosttram as gengivas num bom riso de gaiata saüdação...

...Quando olho a terra amarelenta, de aspecto pobre e feio, scismo em como dela pode sair o perfume, a doçura, a côr dos frutos numa superabundância admirável! No seio da terra, de aspecto assim pobre e feio, há por certo mouras encantadas, espíritos bemfazejos, divindades fertilizadoras, as belas ninfas dos montes, preparando com as sotis mãos fadadas a seiva mágica que faz o milagre destas frutescências preciosas!



De longe em longe, entre esta aleluia de verduras, perdulâriamente dadivosas, soerguem-se — a contrastarem com as casinhas novas e com os cardenhos queimados do tempo — descuidadosos palácios a esmantelar-se, tocados já de ruína. Com a sua aparência grave de fidalguia véllha, reçoando pelas chagas das paredes a nobre tradição de outras eras, afiguram dormir a saudade do seu fausto longínquo. Olhando-os, sentimo-nos levados a tempos de amor e poesia: vemos passar, revoltando cavalos ardentes, moços gentis de capa e espadim; vemos renovarem-se os ferros das sacadas, agora tortos e ferrugentos, sob o pulso de castos seios amorosos; — e as ervagens amarelecidas, que se escoam das pedras desconjuntadas, parece virem repetir-nos lindos segredos de amor, como hoje não sabemos murmurar, surpreendidos à complacente luz das estrêlas cheias de sono...

Do mistério destas casas mortas sai, revivida, a recordação de festas sumptuosas, — sussurro de sedas, requinte de galantarias, delicadeza de canções, tilintar de cristais... Revivem festas de amor, — revivem dramas de

amor, sonhadoramente empoados de romantismo! Aos seus portões, ulcerados de velhice, ainda ressoa o eco de lâminas, audazes e liais, brandidas herõicamente por mãos artistas e perfumadas!...

Caminho, molemente cavalgado na égua a passo, com a imaginação, alheia à realidade e à história, a esvoaçar inquietamente por êstes ares calmos, banhados de sol e de saúde, por estas prolificas terras irregulares, cobertas dos vales aos vértices por uma romaria de plantas carinhosas e fartas...

Homens a um de fundo, em longas fiadas, passam vagorosamente, encurvados para o chão sob o pêso brutal de enormes gigos acoagulados de uvas. Magros, tristes, de torturados rostos exangues, passam vagorosamente, vagorosamente, como se mal pudessem despegar os pés da gleba que os traz escravizados e para onde aquele pêso brutal, cangando-lhes a nuca, lhes dobra tirânicamente a cerviz resignada.

Passam vagarosamente, a um de fundo, sempre em fio, como formigas, como processionárias, agora uns, logo outros, raro alinhados na estrada, quási sempre calcorreando laideiras pedregosas e íngremes, calvários constantes, — e às vezes destas bôcas sem frescor, de onde a alegria fugiu para sempre, sai, em côro grave, uma canção triste, melopeia dolorosa, onde só a amargura põe doçura melancólica...

E vão passando vagarosamente, agora uns, logo outros, derreados, a suar, esqueléticos, de faces de fome e de morte, — por entre o viço cantante da vegetação riquíssima, os míseros tântalos do século XX, os míseros escravos do século da liberdade!...

Ao cimo de um cômor, até onde sobem, como por tôda a parte, degraus amplos de cepas, — um vélho, com largo chapéu de palha, mira a terra vagamente, encostado ao sacho inseparável. O sol, batendo com o seu ardor naquela figura negra, dolorida, escravizada,

sem eira nem beira, sem revoltas nem aspirações, nimba-a de um halo divino, e, faiscando-lhe na palha amarela do chapéu, como que lhe põe um resplendor de oiro. Assemelha, assim, um santo num altar de verdura, — o Santo Cavador! o Mártir do Trabalho!...

Sanhoane (Penaguião),

---

29 de Setembro de 1916.

# **MEDITAÇÃO DE AMOR**

**D**EIXEI-TE há pouco, meu Amor! Separei-me há pouco de ti e dêsse teu jardim, sobrejacente ao mar, perfumado belamente dos nossos melhores segredos. — Encostámo-nos, pela vez última, ao rosal amigo que se debruça, todo nevado de rosas, para a penedia escura onde farfalha a ourela das águas, — e dissemo-nos um adeus de lágrimas, à toada chorosa das ondas...

Eu trouxe comigo, entesouradas no coração amolecido por bárbaras saudades, lembranças que me comovem a todo o instante. Trouxe a delicadeza quente das tuas palavras de amor, o teu riso e a tua melancolia, a tua nobreza e o teu carinho; trouxe nos meus olhos os teus olhares: olhares enternecidos de tristeza, olhares scintilantes de alegria; trouxe nos meus lábios ansiosos o enigma conturbador de sonhados beijos que te não dei...

E vou emmolhando, scismadoramente, as recordações que trouxe de ti, mimosas e finas, como se delas fizesse um encantado ramo de flores de

magia a que a minha alma em todo o momento aspire o brando arôma confortante.

Ando cego, perdidamente encandeado por êste amor. Êste amor transforma tudo que vejo e penso. É uma luz de aurora deslumbrante que ilumina, com um brilho triunfal que vem do Céu, tôda a minha alma estonteada, e quanto a cerca, de longe, de perto, de real e em sonho...

Eu quisera, agora de ti apartado, na solidão destas montanhas, tristes como a triste vida sem enganos, analisar friamente o que sinto. Quisera antever se, em minha alma, perpétuamente arderá êste rebatamento que a endoida, porque eu mais que muito quisera que sempre, assim como hoje, com o mesmo frescor, o mesmo entusiasmo, a mesma poesia, a mesma loucura, em meu peito viçasse o meu amor por ti; que jamais em meu peito êle emmurchecesse, como jamais, em terras do Oriente, emmurchece a sempre-viva côr azul nas formosas pétalas do agerato!

O tempo...

O tempo! O tempo esfolhará, é certo, ilusões de agora, mas há de trazer, também é certo, ilusões novas. — Ilusões que tombam, como fôlhas de outono, vagarosamente, e ilusões que nascem, súbitamente, como as estrêlas ao anoitecer! Umas vão, outras véem... — Lembras-te, meu Amor, de quando olhávos, os dois, do teu jardim enflorcido, as ondas bailando no mar? Umas se levantavam, num arremêso vitorioso, e logo abatiam desfazendo-se nos recôncavos da água, já quando outras se alcantilavam... São assim as ilusões. Umas véem, outras vão!...

Eu quero acreditar que sempre e sempre deporei a minha alma na pureza da tua, como se a depusesse na pureza de um altar, — de um altar do Céu onde o próprio Deus se entronizasse. Sinto-me prêso à tua perfeição moral, à tua sensibilidade harmoniosa, ao teu devotamento altivamente submisso. A tua singela humildade é que me domina, a tua meiga fraqueza é que me vence.



A tua escravidão contente, fervorosa de felicidade, é a tirania fatal que me escraviza a mim.

Já não digo

Que eu vivo no Abandôno e sou um miserável  
Aos tombos pela Vida...

E só tu, fada salvadora, — com o subtil condão da gentileza da tua alma apaixonada, numa intuição de génio —, na minha alma desigual e triste, vagabunda e louca, soubeste, namoradamente, encontrar o perfume bom...

Que eu não vivia, não, Mulher se tu não fôsses.

E poderá esmorecer um amor assim? Não hei de eu viver sempre numa sujeição dominadora, aos pés da minha Escrava, extaticamente, como na sublime *Adoração* de Sinding?

Pois havia de o meu amor descer do além-humano, onde voeja entre as estrêlas, tam próximo de Deus e tam longe, tam longe do mundo!?

Ah! não quero.

Não quero?! Mas que vale o querer? A vontade não doma nem inspira o pensamento, não sobressalta a imaginação, não poetiza a alma: não inflama arroubos e devaneios, não vibra comoções, não escandece o amor. A vontade! A vontade trago-a, inabalável e feliz agora, à mercê do tumultuar da alma revôlta pela paixão, — mas é nesse tumultuar ardente que ela encontra o estímulo para se constituir e fortalecer em direcção a ti.

Ah! que jamais então abrande êsse estímulo sagrado que jorra da minha sensibilidade e se derrama, doce e triunfante, por todo o meu ser, enloirando-me a vida! que nunca uma sombra de tédio ou cansaço venha ennoitecer êste nosso amor! que êle nem sequer roce jamais o gelado alento do acume das realidades satisfeitas, e que êle seja sempre um alvorejar de visões ideais, embrumadas deliciosamente de mistério! Esta rosada névoa que me esfuma adoravelmente o futuro, que ela exista sempre, sempre, porque sempre e sempre

então, na minha alma insaciada, com alor igual viverá a ansiedade pelo ignorado, eterna fonte de insofrido amor contente!

Eu quero na vida caminhar, enfebreado em sonhos, com os olhos postos no Inalcançável, — como um poeta caminheiro, tôda a vida a percorrer visionário labirinto de balada, fascinado por uma indecisa Terra-da-Promissão, que de largo o atrai, misteriosamente.

Eu quero em mim, para sempre, esta fantasi-osa Insatisfação que me atormenta e me delicia; quero em minha vida êste crepúsculo auroreal a sorrir eternamente uma promessa vaga: esta bruma incerta que me envolve a alma fùlvidamente, enflorando-me de inquieta esperança o trabalho, o esforço, o delirante devanear que me afer-venta o cérebro.

Eu quero trazer em mim, inalterável e sempre, esta alvorada de amor que me vem da luz da tua alma!...

Viana-do-Castelo,

---

Mês das Flores, 1916.

# JOÃO DA ROCHA

Não vale a pênna nesta inglória esfera  
Procurar nome, pretender subir...

JOÃO DA ROCHA, *Nossa Senhora do  
Lar*, pág. 3.

Coração, que bateste de mansinho,  
e depois a má sorte  
dilacerou nas urzes do caminho,  
meu pecador ingénuo e inocentinho,  
pára de vez na morte!

JOÃO DA ROCHA, *Refúgio de Pecadores*,  
poesia inédita.

**J** OÃO da Rocha morreu.

Na *Madona do Campo Santo*, êsse lírio de poesia que fulge entre as flores de arte que Fialho com mais gentileza plasmou, — Artur, diante da morte de Judite, olha-a num pesadelo, com a impressão de coisa passada noutros tempos, com outras pessoas, noutros lugares...

Como Artur, marasmado de luto perante a Virgem das rosas que um sonho de vida tènue-mente gerou e desfez, — eu tenho sempre a impressão, quando a morte leva um ente que me é querido — querido ao coração, querido à inteligência, ou querido à inteligência e ao coração, como agora —, eu tenho sempre a impressão de que a mágoa sombria dêsse acontecimento, afastando-se no tempo e no espaço, se projecta, não sei entre que fluidez, numa época e num lugar estranhamente distantes.

João da Rocha morreu. Morreu ontem. Melhor que ninguém, disseram-mo as árvores que da minha casa vejo e que na manhã de hoje, amortalhada de chuva, soluçam pelo amigo que, entre elas, numa brilhante hora de sol, festivamente as cantou um dia... Morreu ontem. E não sei por que

singular desdobramento pessoal, eu me julgo muito àquem, muitíssimo àquem dessa brutalidade, como se fôra um véelho que relembresse e revivesse uma longínqua página da vida de outro «eu», já não com a febre sobressaltada em que se recebe o choque de uma notícia acabrunhante, mas já com o acabrunhamento de uma recordação antiga a que a saudade, pelos tempos fóra, houvesse vaporizado a febre do sobressalto em ternura e desalento.

E João da Rocha, vendo-o eu dessa maneira, afastado de mim, surge em tôda a sua grandeza moral e mental, em tôda a sua florente sensibilidade de artista, em todo o seu vigor fanático de estudioso; — vejo-o em conjunto, integralmente, sem as deficiências a que uma visão próxima e parcelar obriga o espírito ainda sangrante de surpresa angustiosa.

João da Rocha foi um dos polígrafos de pênna mais variada que neste país têm havido. A sua pênna maleável ia do rigor severo da erudição mais cimentada, às mais vaporosas florescências literárias. Pela sua pênna fácil escapava-se, sem qualquer constrangimento, sem qualquer hesitação, a forma elegante e clara em que se modelavam os

seus estudos, as suas ideias, as suas imagens, as suas estesias, a potência do seu saber, a delicadeza do seu sentir...

João da Rocha morreu. Passou nesta vida como um desconhecido, como um ignorado. Passou obscuramente, encolhido na sua modéstia, orgulhosa com nobreza, — naquela orgulhosa modéstia dos grandes homens que têm a consciência da sua triunfal superioridade, naquela orgulhosa modéstia que torna os grandes homens insatisfeitos e receosos de si, anelantes de perfeição, duvidosos da correspondência das suas obras ao nível do seu talento. Passou, por isso mesmo, sem as pedras falsas das vaidades labregas, quasi apenas conhecido numa roda escassa de amigos e adoradores, entre os quais se encontram dos espíritos mais altos e mais cotados da terra portuguesa. Os testemunhos, porém, dessa admiração, guardou-os sempre João da Rocha no mais secreto do cofre da sua modéstia, e jamais, pode-se dizer jamais, o seu nome andou nas bôcas, ridiculamente sonoras, das trompetas do elogio nacional. E ainda bem! —



Que essas trompetas se gastem nos lábios frouxos dos nulos, soprando, ocamente vibrantes, hosanas a outros nulos! João da Rocha tem a erguê-lo à plana dos primeiros escritores portugueses o pedestal das suas obras. Hão de gastar-se aquelas trompetas, hão de perder-se os seus ecos fúteis, — e o monumento honesto, que João da Rocha descuidosamente edificou com o fulgor da sua pêna, permanecerá para sempre, para sempre atestando vitoriosamente o seu valor. E a crítica, no futuro, não a crítica inçada de superficiais impressionismos que se nota por aí, mas a crítica literária que seja realmente crítica, como a história de um povo o exige, há de verificar que em João da Rocha se fundiram um grande poeta, um grande prosador, um grande erudito, um grande crítico, um grande orador, — um poeta, um prosador, um erudito, um crítico, um orador, notavelmente acima de muitos intelectuais que p'ra aí se vêem, por falta de visão apreciadora e por falta de equilibrada e honrada justiça, consagrados entre os primeiros.

João da Rocha, como poeta, foi indubitavelmente um dos maiores e dos mais *portugueses*, pela expressão do seu lirismo e pelo lirismo da sua emoção. Companheiro íntimo de António Nobre,

foi com êle um renovador de ritmos. E cadências, que se têm apregoado recentemente como modernidades, são já velharia nos seus versos de estudante. Poeta de comoção, poeta de ritmo formal anastomosado ao ritmo da alma, subpunha a rigidez de clássicas regras métricas ao desabrochar intenso das belezas emotivas.

Como prosador, a sua fluência de dição lateja vida. A sua prosa possui maviosidades dolentes, terna fantasia, lembrando às vezes a música vocabular de Eça de Queirós, e possui uma diafaneidade, um colorido e um talhe artístico inconfundíveis. E ainda nas suas velhas prosas, como nessas impressionantes *Angústias*, se encontram processos e temas que recentemente se têm conclamado como novíssimos.

Os seus trabalhos de erudito impuseram-no à estima dos investigadores mais exigentes. João da Rocha não tinha só uma vastíssima cultura, uma rara facilidade de estudo e de assimilação, uma tenaz paciência imperturbável: tinha ainda uma extraordinária antevisão que o impelia sempre para os caminhos indagadores mais felizes e mais fecundos. Nos assuntos históricos, a que se votou

com especial prazer e aptidão, era em verdade formidável, pelo saber, pelo raciocínio, pelo comentário, pelo método. A sua acuidade crítica era perscrutante e fina, enraizada numa inteligência poderosa e numa cultura múltipla, e aí topava João da Rocha um dos factores mais salientes do esplendor das suas observações e dos seus juízos em tôdas as esferas do pensamento e do sentimento.

E, como se fôra pouco somarem-se num só homem aspectos assim vários e deslumbrantes, ainda na sua auréola de cientista e literato reluzem os dons de jornalista como poucos, de professor como poucos, e, sôbre isso, de orador de amplos voos eloqüentes, o que é raro, e de substanciais ideias inspiradas, o que é raríssimo.

João da Rocha morreu. E com êle morreu uma das cerebrações mais complexas e mais completas que se podem sonhar!

Há em João da Rocha, porém, mais uma facêta, diamantina pela fulgência e pela pureza: a de homem de bem.

Se foi homem de ciência e homem de letras, que oscilou entre geniais trabalhos sôbre magnetismo e harmoniosas espumas da arte mais levemente ideal, João da Rocha foi ainda um homem de bem. Foi-o em honra e em coração, — que João da Rocha foi um herói de bondade. Não soube nunca zangar-se, não soube nunca ralhar. A mais espontânea e meiga abnegação lhe impregnava a alma, fibra a fibra. E se a sua inteligência e a sua sabedoria passaram ignoradas, a sua magnanimidade passou incompreendida. Nêstes ruins tempos de egoísmo, de inveja, de baixeza, de rancor, de animalez, em que, se Jesus à terra voltasse, de novo seria crucificado mas com redobrada fúria e inaudito escândalo, — a religiosidade afável e amorosa de João da Rocha pairava muito alto, fóra da percepção grosseira do comum dos homens.

No seu espírito inebriado de arte, engastava-se a mais rara jóia da beleza moral, a jóia divina do sacrifício. João da Rocha, realizando o ensinamento do apólogo bíblico das árvores, foi um perpétuo sacrificado aos interêsses alheios. Sacrificou-lhes o seu bem-estar, a sua actividade, o seu dinheiro, a sua saúde, a sua vida e, acima de tudo, a glória do seu nome.

João da Rocha, que podia ser Maior do que foi, se à sua individualidade tivesse dedicado o seu trabalho de pensador e de esteta, dispersou-se, desperdiçou-se em canseiras extenuantes e anódinas, infrutíferas e apagadas, sacrificando-lhes muitíssimo da glória do seu nome, — o maior sacrifício que um artista pode fazer.

Sacrificou-se contente, eterno sonhador, eterno optimista, eterno poeta, dando assim um exemplo de homem perfeito, a caminhar numa senda que já não é dêste mundo, mas que, por entre as estrêlas, conduz até Deus...

Viveu pelo coração, — e pelo coração morreu...

Morreu?! Morreu João da Rocha?! Não será um pesadelo? Terá efectivamente morrido?

Morreu, morreu! Melhor que ninguém, dizem-no as árvores que da minha casa vejo, e que na manhã de hoje, amortalhada de chuva, soluçam pelo amigo que, entre elas, numa brilhante hora de sol, festivamente as cantou um dia... Soluçam — e choram. O vento, que sopra do cantochão da

praia, faz-lhes tremer convulsamente os ramos nus, e dêles caem, a luzir alvuras, lágrimas de tristeza, pérolas de saudade...

Eu oiço-as lá fóra soluçar, vejo-as lá fóra chorar...

Viana-do-Castelo, Aven. de Camões

---

2 de Fevereiro de 1921.

## NOTA

*ESTIVERAM estas FLORES DO FRIO para sair nos começos do ano de 1918. A sua publicação, porém, foi adiada, — e só agora se realiza.*

*Ao feixe primitivo de vélhos escritos, em 1918 organizado, juntei apenas um artigo acêrca do meu malogrado Amigo, e distintíssimo homem de letras e de sciência, JOÃO DA ROCHA, — em cujo túmulo deixo essa pobre «flor», colhida no canteiro de saudades que rói o mais puro e sensível do meu coração.*

Viana-do-Castelo,

---

Dezembro de 1922.

C. B.



Parece preciso advertir ao Leitor, que neste livro hà de encontrar varios erros, & descuidos do prèlo;..... Não se appontão estas erratas; porque os..... curiosos facilmente as poderãõ emmendar onde as toparem; & os..... descuidados, ainda que lhas appontem não as emmendarão.

Brás Luís de Abreu,  
PORTUGAL MEDICO,  
Advertencia sobre  
as erratas.

ISBN: 978-1-387-47458-5